

RODA DE LEITURA COMO PROPOSTA PARA O ENSINO DE LITERATURA E FORMAÇÃO DE LEITORES

Yasmin Rita da Silva Souza (1); Alane Mayara da Silva Almeida (2); Lucielle de Farias Silva (3); Fábio José de Abreu Moura (4); Albaneide de Souza Campos (5)

Universidade de Pernambuco – minerita.mr@gmail.com; alanemayalmeida@gmail.com;
lucielles95@gmail.com; fabiojosedebreumoura@hotmail.com; albaneidecampos@gmail.com

Resumo: A construção deste trabalho se preocupa em propor uma abordagem mais dinâmica e ampla para o ensino de literatura a fim de promover a formação de leitores, em contrapartida aos métodos de ensino que já permeiam na educação e percebendo que a preocupação de se trabalhar a literatura, seja ela universal ou específica do Brasil volta-se exclusivamente para turmas do Ensino Médio, e de forma direta, não criando, previamente, uma base na qual possa se firmar o conhecimento básico sobre o assunto, sujeitando os alunos ao desenvolvimento raso acerca do que de fato seria literatura, isso acontece porque a disciplina, por ser necessária nas provas de ingresso das faculdades, acaba se resumindo a um mero tópico, dentre tantos outros, e não de extrema importância para o desenvolvimento dos alunos; em apoio a essa proposta, qual se observa o ponto de partida da leitura sendo o próprio texto, unidade significativa que constrói o interesse do aluno, de acordo com Geraldi (1984); e a importância do letramento literário, defendido por Rildo Cosson (2006) para o desenvolvimento não apenas interno do leitor, mas de como o mesmo se relaciona com os demais, promovendo a troca de experiências por meio da roda de leitura.

Palavras-chave: Roda de leitura, didática, leitores, letramento, literatura.

1. INTRODUÇÃO

Trabalhar leitura é, no pensamento geral, trabalho dado às aulas de língua portuguesa desde as séries iniciais, unicamente, o que a torna foco principal de questionamentos quando o aluno não desenvolve bem essa etapa, mesmo que, em parte, a responsabilidade não seja apenas do professor da disciplina e suas metodologias, ele é o primeiro “culpado”. O mesmo ocorre quando se fala em leitura dentro da sala de aula, é comum pensar imediatamente em textos cujo direcionamento se volta à interpretação. Utilizados apenas como proposta para atividades, nas quais professores se limitam ao desdobramento em âmbito linguístico, por meio de perguntas como: “Qual a função da palavra X dentro do poema” ou “a que classe gramatical essa palavra pertence?”, tais textos resumem todo o seu conteúdo à decodificação e interpretação, deixando de lado a compreensão, de fato, do que se lê. E ainda, o porquê se está lendo, também se utiliza da leitura de textos longos e sem fundamento algum apenas como detenção para o aluno, dessa forma, acaba-se gerando certo preconceito e afastamento entre os

leitores e o material de leitura, tal afastamento a torna um empecilho dentro do desenvolvimento do aluno, bem como o seu rendimento em sala de aula, uma vez que a leitura é a base para a construção do conhecimento.

Levando isso em conta, vem-se a proposta da Roda de leitura, ou Círculo de leitura (COSSON, 2014), um projeto pedagógico e cultural que se pauta na realização de leituras e apresentações, por meio da leitura compartilhada e troca de experiências entre os alunos, tomando o professor como um mero mediador da situação, dando-lhes, de tal forma, espaço para que haja a imersão dos alunos em livros que condigam e abranjam sua realidade, trazendo até eles uma nova visão de mundo, além de estimular a interação entre a turma e ainda trabalhando em conjunto com as tecnologias presentes a fim de quebrar com o pensamento de que ler é um castigo ou uma tarefa desestimulante.

2. A FORMAÇÃO DO LEITOR

O descaso com a leitura parte de diversos pontos, não podendo ser apenas encarado como uma deficiência da sala de aula, mas de todo um contexto social. Vale salientar que, no último século, com o advento das mais diferentes tecnologias que facilitam bastante a vida das pessoas, esse problema vem ganhando proporções alarmantes. Observa-se que parar para pegar um livro na biblioteca ou sentar numa livraria para ler tornou-se característico de gerações que pertenceram à época que os pais ainda contavam histórias para que dormissem ou que, no canto da sala existisse uma estante cheia de livros, em sua maioria repleta de figuras chamativas e coloridas que os fizessem parar um minuto, nem que fosse para olhá-las, mas, ainda assim, abriam suas páginas e passavam algum tempo, o que os levava a querer saber o que eram aqueles sinais estranhos e o que significavam. Por fim, liam. Isto é, se estabeleciam antes numa zona de conforto, firmar confiança, para então ler o que é pedido na escola, já tendo sua própria concepção de leitura (GERALDI, 1984).

Na geração que se segue, é bastante comum ter tudo o que precisam saber apenas com uma pesquisa na *internet*, até mesmo para ler, uma vez que existem diversos aplicativos que possibilitam tal acesso e muitas vezes a natureza do que é lido é pobre, de certo modo, escassa de conteúdo e que não contribui para o crescimento do leitor, em compensação, o motivo pelo qual esse tipo de leitura cresce cada vez mais é porque existe a familiaridade entre as palavras e quem as lê, elas guiam para um caminho comum, trazendo, muitas vezes, significados que instigam a curiosidade do leitor.

Não se trata de uma problemática enfrentada apenas na atualidade, isto é, de tempos mais remotos, para que se possa reafirmá-la não apenas pedagogicamente, como também atinar para o papel que a mesma desempenha social e historicamente, apontando que o texto, enquanto singularidade linguística, compreende todo um momento histórico, é a marca deixada por um povo, a herança para que as demais gerações tenham consciência de onde vieram para então saber aonde ir. A base para que consigam crescer psicologicamente e criticamente falando, sendo cidadãos capazes de discernir e ter as próprias opiniões e, o mais importante, saber como defendê-las. (BRÄKLING, 2004. p. 2)

De acordo com Moura e Ferreira (2017) em seu artigo *Literatura de massa: didática para instigar novos leitores*:

Muito se diz que “a geração de hoje em dia não lê” ou que “só querem saber de internet”, o que é bastante contraditório. Um jovem que passa horas em frente ao computador está sempre em contato com a leitura. É certo dizer que provavelmente não está lendo Shakespeare, mas algo que goste e que faça parte de sua zona de lazer. Aqui está toda a sacada, o prazer como consequência da leitura (MOURA; FERREIRA, 2017 p. 5).

Dito isso, a ideia de leitor é colocada em pauta. O que seria, realmente, ser leitor? Define-se, de modo geral, leitor como indivíduo que lê. Só, reforçando assim que leitura nada mais é do que conseguir juntas as letras e formas palavras, juntas essas palavras e construir sentenças, num bê-á-bá simples, descomplicado e acessível de ensino em escolas, contudo, o ler, de fato, é mais, transbordando seu próprio significado, em constante mudanças, tais quais como ser capaz de compreender que o que está escrito nem sempre irá corresponder à realidade, que cada lugar, seja de sua própria região ou de outro país, possuirá sua forma própria de contar uma história, bem como um vocabulário característico.

E se falando em caracterização, o que também não é levado em conta quando se trabalha leitura é querer que os alunos partam do desconhecido para lugar nenhum, colocando em sala textos de caráter clássicos da literatura, mas que são um campo estranho para ele, com palavras arcaicas que com o tempo caíram em desuso, ou cujo contexto histórico não seja claro ou prático. Por exemplo, numa série de 6º Ano, o professor decide trabalhar uma obra de William Blake, pedindo aos alunos que falem o que compreenderam da obra; a primeira resposta seria negativa e isso já seria mais do que necessário para a perda de interesse na aula, como apontam Moura e Ferreira (2017):

Levando em consideração as crianças e os adolescentes que não possuem interesse pela leitura, nunca leram uma obra (de qualquer gênero que seja)

ou que já tentaram o contato, mas não se sentem instigados a continuar com essa prática e vivem apenas fadados a enxergar a leitura como obrigatória para obtenção de notas, podemos afirmar a obviedade no que diz respeito ao interesse por obras clássicas, mais elaboradas e desenvolvidas que de imediato não irão despertar sua vontade intrínseca de leitura (MOURA; FERREIRA, 2017 p. 5).

O aluno enquanto agente passivo na sala de aula irá esperar que o professor dê conta de todo o conteúdo enquanto se ocupa em copiar o que é dito, topicalizando o material que deveria ter-lhe chamado a atenção, mas que termina por não ter significado nenhum.

3. CONCEPÇÕES DE LEITURA

É importante citar que o problema de leitura não se atém apenas à sala de aula, mas também social, uma vez que por meio da mesma se consegue discernir o caráter oral e escrito da língua, apontando para suas disparidades e semelhanças quanto o uso. Uso esse que se infere no senso crítico do leitor, tornando-se responsável por criar sua perspectiva de mundo. A leitura se torna um evento social (BRÄKLING, 2004) porque passa conhecimento de uma geração para outra, informa, inspira e cria. O papel do educador de língua portuguesa é mediar esses sentimentos de inspiração para o aluno por meio da leitura.

No entanto, a leitura nas aulas é encarada como uma forma de castigo, uma vez que utilizada como represália sempre que se precisa que o aluno fique ocupado, de certo modo, condicionando-o a ver o ato de abrir o livro e ler como uma forma de punição, assim, sempre que pensar em ler, o pensamento de que aquilo é uma tarefa enfadonha e desagradável irá norteá-lo, findando em negativa àquilo.

Mas não só o castigo por meio da leitura; o caso de professores que levam aos seus alunos textos clássicos das mais diversas literaturas a fim de fazê-los se interessarem por elas, afinal, se trata de textos que formaram a sociedade e alguns são cobrados no Ensino Médio, até mesmo no próprio vestibular. Dessa forma, a estranheza com os termos e a falta de verossimilhança para com a sua realidade é a responsável por desinteressar os alunos.

No mais, são inúmeros motivos que causam o desinteresse dos alunos da leitura, desde o descuido quanto à metodologia até o preconceito que a mesma gera, indubitavelmente, necessitando ser repensada para que possa atingir de maneira positiva os alunos, inspirando-os e formando-os numa leitura fluente, fazendo com que sintam a vontade própria para ler e ir

além, dialogando com os demais que partilham da sala para que possa haver uma dinâmica saudável que se desenvolva cada vez mais.

Koch e Elias (2006) propõem que a leitura deve acontecer na seguinte interação de autor-texto- leitor, para que haja, de fato, uma integração em todas as partes envolvidas, não de modo passivo, mas ativo, para que se construa o significado partindo do produto bruto, ainda, apontam que, partindo dessa interação, pode-se obter três concepções de leitura:

- 1º. A leitura se resume a captar ideias presentes no texto, na qual a língua se apresenta como um retrato do pensamento do indivíduo, sendo o autor, mero sujeito passivo, tendo suas palavras “mastigadas” e “digeridas”;
- 2º. A leitura age num exercício de reconhecimento quanto às palavras e como as mesmas se comportam dentro do texto, por meio de decodificação, absorvendo a língua como um sistema de códigos linguísticos postos em determinada ordem;
- 3º. A leitura nada mais é senão a interação *autor- texto- leitor*, numa atividade contínua e complexa junto à língua no mesmo conjunto interativo, detentora de sujeitos ativos, capazes de interpretações e compreensões.

Partindo dessas concepções, pode-se analisar o papel do texto dentro da sala de aula, cuja maior valia é a de que consiga passar as respostas necessárias para os alunos no lugar de lhes fazer pensar e argumentar contra ou a favor do que foi lido, sequer se trata de uma realização formulada na íntegra, mesmo se tendo consciência de que muitas vezes não há tempo para trabalhar um livro por completo em apenas uma ou duas aulas e que qualquer esforço que perdura tal trabalho pode acarretar no atraso em relação aos planejamentos de aula. Contudo, é preciso ter em mente que ler se trata, antes de tudo, de um processo cognitivo, isto é, não pode ser feito à esmo, tampouco, sem o direcionamento adequado para situar o leitor em campo, para tanto, se faz presente estratégias funcionais que visam a fluência e preparação para que se consiga, enfim, atrelar a leitura nas aulas sem que sejam encaradas como contratempos.

Tais estratégias (SOLÉ, 1998) podem ser puramente cognitivas ou metacognitivas. Em conjunto a proposta de Roda de leitura, as metacognitivas acordam por se realizarem em propósitos previamente estabelecidos, de ação, submetidos pelo próprio leitor.

3.1 LEITURA E LETRAMENTO LITERÁRIO

As dificuldades geradas pela deficiência em leitura nas aulas, principalmente nas de língua portuguesa acarretam outro problema, que é o de ensinar literatura, já que os alunos não

possuem a cultura de ler e que, por se tratarem de livros que não fazem parte de sua realidade, tornam-se enfadonhos e são colocados de lado. Visto isso, Rildo Cosson (2006) sugere a inserção de atividades que conduzam os alunos, enquanto leitores em formação, a se interessarem por literatura de forma que a mesma não se fixe como prática imposta, mas sim, consiga ser desenvolvida dentro de uma zona de conforto para eles, na qual possam ler o que desejam, escolhendo o que lhes for mais confortável e comum para só então ir acrescentando títulos que construam a ponte entre o que foi lido e o que é requisitado na academia.

Cosson ainda aponta para dois tipos de sequências nas quais se pode facilitar o ensino: A sequência básica e a estendida, sendo a básica a que possui os passos principais, concisamente colocados para o presente trabalho, da seguinte forma:

- 1º. **Motivação:** preparar o aluno para o texto, isto é, motivá-lo a querer ler a obra;
- 2º. **Introdução:** Apresentar o autor e a obra, de preferência de forma física, deixando que a toquem e conheçam;
- 3º. **Leitura:** Direcionar os alunos dentro da leitura, promovendo rodas de conversas sobre o livro;
- 4º. **Interpretação:** Construção da percepção dos alunos, é nessa hora que o professor consegue criar o diálogo entre o que está escrito e quem lê.

Ainda, sobre o desenvolvimento que ocorre da motivação até a interpretação, o leitor passa por um processo de internalização e criação de sentidos que partem do que ele já sabe (seu conhecimento de mundo), da forma como vai decodificar o texto, isto é, sua capacidade de entender a estrutura do texto e o porquê de estar de determinada forma, como a presença de figuras de linguagem, por exemplo; e por último, da compreensão construída a partir do que foi lido para que se possam ser construídas novas percepções.

A estratégia proposta por Solé (1998) entra em contato com os passos de letramento a fim de criar o produto final que é a leitura fluente. Um leitor que seja capaz de não apenas decodificar o texto, mas conseguir compreender marcações de sentido e gerar ideias, desenvolver o conhecimento.

Cosson (2006) ainda ressalta que o que de fato importa é que o aluno seja capaz e tenha a liberdade de refletir sobre o que leu, assentando cada partícula de sua realidade dentro da obra, comparando, relacionando para assim poder compartilhar com os demais, estabelecendo um diálogo entre si, ativamente. Afinal, de nada adiantaria a leitura em sala – ou de modo geral - se não pudesse compartilhar o que foi descoberto com ninguém.

3.2 LETRAMENTO LITERÁRIO E AS RODAS LEITURAS

O círculo de leitura é uma prática privilegiada de grupos de leitores que se reconhecem como parte integrante de uma comunidade leitora específica. Assim, apresenta três pontos relevantes da leitura em grupo:

1º - “o caráter social da interpretação dos textos” e a apropriação e manipulação do repertório “com um grau maior de consciência”.

2º - “a leitura em grupo estreita os laços sociais, reforça identidades e a solidariedade entre as pessoas”.

3º - “os círculos de leitura possuem um caráter formativo”. (COSSON, 2014, p. 139)

Ainda de acordo com Cosson (2014), não basta apenas levar o livro para sala de aula e dizer que está promovendo a formação de leitores, é preciso que haja orientações precisas e que a organização aconteça de maneira que não pareça mais uma aula, e sim, um momento de interação, que se desprenda das demais metodologias do professor. Para isso, ele traz o conceito de Círculos de leitura ou Rodas de leitura, que, embora pareça moderno, se trata de uma prática que se norteia desde a antiguidade, em saraus cujas leituras em voz alta aconteciam para um público específico. Contudo, enquanto prática para a sala de aula, as rodas de leitura devem ser trabalhadas, desde o início, tendo em mente o propósito que pretende seguir, considerando o arquétipo de leitor no qual se realizará para que se possam escolher os livros certos e aproveitar o máximo da leitura.

Para começar, é preciso compreender o que seria, de fato, uma roda de leitura. Braun, Moraes, Oliveira e Almeida (2009) trabalham a ideia a partir de uma disposição de alunos em círculos na sala de aula, tal colocação propicia a quebra de hierarquia de pirâmide, colocando todos como iguais, na qual o professor passa de detentor de todo o saber para um simples mediador perante as leituras apresentadas. Um fator importante para as rodas de leitura se dá exatamente pelo fato do professor não monopolizar o material de aprendizado, mas permitir que os alunos se expressem e conduzam a leitura entre si.

Em outras palavras:

É importante ressaltar que a denominação roda de leitura como roda não é gratuita, esta é uma formação que pretende que a hierarquia não se estabeleça a partir do lugar que se ocupa. Embora todos se voltem para o leitor-guia, que é uma espécie de regente de orquestra, são os participantes que “tocam” a roda (GARCIA, p. 2).

Dito isso, coloca-se em prática as estratégias apresentadas por Cosson, de forma que se unam letramento literário e formação de leitores por meio da leitura compartilhada. Primeiro, o professor-mediador apresenta a proposta de inserção na leitura e os livros que serão lidos para os alunos, todos escolhidos de acordo com a faixa etária trabalhada e que pertençam, inicialmente à realidade linguística deles, para que o estranhamento não cause desistência (Motivação); a sugestão é a de que eles fiquem dispostos numa caixa ou em cima de uma mesa, à vista para que as capas possam ser analisadas, assim, a escolha dar-se-á pelas primeiras identificações, seja pelos desenhos da capa, pela letra, pelo título do livro, dentro outros motivos que contribuam para a escolha de leitura (Introdução); a leitura dá seus primeiros passos dentro da sala de aula, partindo com o aluno para sua casa, onde pode ler, propiciando-o à zona de conforto não apenas no que está lendo, mas quebrando com a ideia de que leitura significa tarefas da escola ou atividades, ligando a ideia de ler ao puro prazer de conhecer uma história, instigando sua curiosidade para saber mais sobre aquele livro, seu autor, quando foi escrito, e à medida que vai se inserindo no contexto dele, ocorre a apropriação da literatura ali; após isso, permite que os alunos explanem sobre as obras que leram, apontando o que acharam mais interessante compartilhar com dos demais, o porquê indicam que os colegas leiam e, por fim, media a troca dos livros, de modo que todos leiam os mesmos livros, o que intensifica a troca de experiências, uma vez que todos possuem pontos de vista diferentes e, portanto, desenvolvem interpretações particulares (Leitura e Interpretação).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo se afirmando que a geração de hoje apresenta o caráter de leitura modificado das demais gerações porque a sociedade se caracteriza de outra forma. Se um jovem quer ler as notícias, basta um clique e já tem um texto em formato digital na palma da mão não importa aonde for. No entanto, não é o bastante para caracterizá-lo como leitor. Ler implica desenvolver conhecimento e adquirir-se dentro de palavras, construindo ideais, sendo, deste modo, impossível de se trabalhar leitura numa sala de aula que só preza pelo desenvolvimento acadêmico raso, que não se pauta no aprofundamento literário, uma vez que se tratam da base de quaisquer textos. É o ponto de partida para leituras complexas e específicas.

Rodas de leitura se pautam na leitura na íntegra de textos clássicos ou não clássicos com a intenção de criar nos alunos o hábito de ler sem que precise ser para alguma atividade

proposta em sala, posto que se identifiquem com determinado autor, vão procurar mais títulos dele para ler e assim, criar uma rotina que contribuirá não apenas para uma extensão no vocabulário, como também para criar em si uma identidade literária.

REFERÊNCIAS

- ALVES N. & GARCIA R. L. **O Sentido da Escola**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor. Alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- BRAUN, Patricia; MORAES, Jacqueline, OLIVEIRA, Cristiane; ALMEIDA, Mônica. **A roda como espaço-tempo de aprendizagem no ensino fundamental**. 2009.
- COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006 .
- GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula: leitura e produção**. Cascavel: Assoeste, 1984.
- GOULART, Cecília, (2007). **Alfabetização e Letramento: Os processos e o lugar da Literatura**. In. PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; CORRÊA, Hércules; VERSIANI, Zélia (Orgs.). **Literatura Saberes em movimento**. Belo Horizonte: Ceale, Autentica.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Leitura, texto e sentido. In Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- MOURA, F. J. A.; FERREIRA, E. L. **Literatura de massa: didática para instigar novos leitores**. Campina Grande. CONBRALE, 2017. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/conbrale/trabalhos/TRABALHO_EV080_MD1_SA3_ID206_10072017085529.pdf Acessado em: 17 de julho de 2018.
- SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6 ed, Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.